

Jornal O Cola

DE LETRAS PARA LETRAS



«Aprendi que tenho direito à voz – a ter voz e a usá-la. Aprendi que é muito importante termos espaços seguros e com isto quero dizer lugares onde nos sentimos à vontade para sermos nós próprios»
(p. 10)

O OUTRO LADO
ELGA FONTES

DUAS SEMANAS EM LISBOA

«O meu primeiro fim de semana foi de turista, percorrendo a cidade de um lado para o outro, fotografando além do que os meus olhos conseguiam capturar»
p. 14

O CHÃO E O COLO

«Sufoco, pretendo saltar
E durante a queda falta-me o ar
Sinto-me eternamente caída
De um Éden simulado,,
Jamais vivido»
p. 17

MEMÓRIAS RABISCADAS

«Pensativo, talvez. Queria dizer algo, mas não sabia o quê exatamente. Apesar de o silêncio ser agradável, não o queria prolongar por muito mais tempo.»
p. 3

Cares leitores,

É com um enorme prazer que vos apresentamos a 9ª edição do Jornal O Cola. Apesar de ambas integrarmos a equipa há pouco mais de um ano, esta é a nossa primeira nota editorial enquanto Direção deste projeto. Por isso, temos muito gosto em nos dirigirmos aos nossos leitores diretamente pela primeira vez.

Consideramos que um projeto como O Cola, que defende valores democráticos e progressistas, é de grande valor para a comunidade académica da FLUL. Nesse sentido, procuramos garantir a sua continuidade. Desde o início do nosso mandato, em setembro, já tivemos a oportunidade de acolher várias novas membros na equipa, que tem estado imensamente dedicada. Ficamos contentes ao constatar que existem cada vez mais alunas interessadas em integrar O Cola. Esperamos poder dar cada vez mais oportunidades aos mesmos para participarem nas nossas publicações, quer através de submissões externas, que estamos sempre disponíveis para receber, quer através da abertura de vagas na nossa equipa.

Sendo um projeto oposto à opressão e ao discurso de ódio, O Cola apoia a comunidade LGBTQ+, entre outras causas que consideramos importantes para a manutenção de um espaço académico democrático, plural e inclusivo. A atual Direção está empenhada em fazer do jornal uma plataforma efetivamente representativa da comunidade de Letras, em que todas as alunas se sintam bem-vindas. Tendo isso em conta, defendemos a utilização da linguagem neutra em todos os nossos comunicados oficiais, apesar de darmos aos autores que publicamos a liberdade de escolher se a querem ou não utilizar.

Nesta edição, podem encontrar a nossa rubrica *O Outro Lado* com a Elga Fontes, constituindo um exemplo de futuro que o ensino em Letras possibilita. Encontrarão, ainda, textos sobre fantasmas, colos, raízes, a linha azul e a cultura de cancelamento, entre outros!

Esperamos que apreciem esta edição da mesma maneira que gostámos de a preparar para vocês.

Boas Leituras!

A Diretora e a Subdiretora,
Matilde Mala e Mafalda Vale

Top 5 Áreas sobre as quais nos devemos informar

1. Compras conscientes

Aliado ao ponto anterior, o consumo excessivo de bens materiais e o consumo inconsciente de bens essenciais são dois temas presentes na sociedade que merecem destaque e prevenção. Sugerimos neste ponto um *blog*, escrito e direcionado por Catarina Barreiros, chamado *Do Zero*. O *blog* ajuda-nos a melhorar alguns hábitos menos saudáveis e contém ainda uma loja, onde é possível encontrar produtos reutilizáveis e produtos biológicos nacionais. Outras opções são as pequenas mercearias, espelho das que se encontravam antigamente, que cada vez mais se começam a espalhar pelo país. Um bom exemplo deste tipo de mercearia é a Maria Granel.

Blog: <https://catarinabarreiros.podia.com/>

2. Novas tecnologias

Direcionado para o *marketing*, mas amplo o suficiente para acolher todos os interessados, esta é a temática do séc. XXI: a tecnologia. Nesta matéria, é fundamental disponibilizar tempo e vontade, porque, apesar de «nascermos» na geração do digital, ainda há muito para descobrir. O curso «New Technologies for Business Leaders», dinamizado pela Coursera, uma plataforma de cursos *online*, apenas necessita de inscrição *online* para disponibilizar os seus 5 módulos. The Digital Marketing Podcast, produzido pela Target Internet, e Marketing School - Digital Marketing and Online Marketing Tips, apresentado por Eric Siu Neil Patel, são dois *podcasts* que também recomendamos nesta área. Estão ambos disponíveis no Spotify.

3. Práticas sustentáveis e responsáveis

«Atual», «importante» e «necessário» seriam as três palavras-chave para descrever este ponto. Não é novidade para ninguém que temos sofrido as alterações climáticas para pior ao longo dos anos e temos de nos adaptar e prevenir consequências graves que podem surgir futuramente no nosso planeta, que é, no fundo, a nossa casa. Sendo uma causa de extrema importância, a necessidade de informação, consciencialização e progressão aumentam de dia para dia.

Recomendamos o curso Responsible Management, oferecido pela Universidade de Manchester e acessível online através da plataforma Coursera. Embora tenha começado no mês de setembro, disponibiliza todos os módulos gratuitamente, mediante inscrição. Sugerimos ainda o *podcast* também intitulado *Do Zero*, apresentado por Catarina Barreiros. O *podcast* partilha dicas práticas sobre sustentabilidade e aborda temáticas importantes não só a nível global, mas essencialmente a nível nacional.

4. Finanças

Independentemente da escolha feita na faculdade, este é um tema importante para o futuro de cada um de nós e, ainda que pareça um bicho de sete cabeças, não o é. O *podcast* Contas-Poupança, de Pedro Andersson, ajuda-nos a descomplicar este tema e perceber melhor o que é educação financeira.

5. Saúde Mental

Este é, ou deveria ser, o tema mais preocupante e, provavelmente, o que requer mais atenção. Há muito para aprender a respeito deste ponto e hoje indicamos algumas ajudas que, embora pareçam mínimas, podem mesmo fazer a diferença. É sabido que fazer desporto ajuda tanto o corpo físico como a mente, por isso, a nossa sugestão hoje é conciliar a terapia com a yoga. No seu *podcast*, Raissa Zoccal fala abertamente com a comunidade que a ouve sobre aceitação, meditação e muito mais, sem tabus. Por outro lado, o *podcast* Terapia em Minutos concilia conteúdos psicológicos com a vida quotidiana, garantindo ser uma experiência terapêutica que ajudará a conquistar uma vida emocionalmente saudável.

Memórias Rabiscadas

Autoria: Filipe Chéu
Edição: Mariana Faísca
Ilustração: Nobre Bastos

As luzes do amanhecer, ao penetrarem ao de leve pela janela do quarto, iluminavam parcialmente a divisão e a primeira coisa que o rapaz via ao despertar era um desenho exposto numa das paredes. Um desenho feito por si. Cada vez que olhava para ele, o seu peito enchia-se de boas memórias. Por detrás daquele desenho, havia uma história a ser contada. Desde o momento em que o começou a desenhar até ao momento em que o finalizou. Desde que estivera com ela à beira-rio até ao dia em que regressou a casa com a mais bela recordação do seu toque.

Era de noite. Estavam os dois sentados ao pé do cais, lado a lado sob a luz do candeeiro de rua, a respirarem as águas do Tejo e a mirarem os barcos que faziam a travessia para a outra margem do rio. Ao longe, as luzes da Ponte 25 de Abril faziam contraste com o manto escuro que cobria todo o céu e as pessoas em redor conviviam nas mais diversas esplanadas com cocktails e música ao ar livre. A rapariga sentia-se em paz quando estava junto dele. Era como se ele fosse o seu único abrigo. De vez em quando, começava a falar, a dizer-lhe coisas, e o rapaz limitava-se a escutar aquela voz angelical. Era uma voz suave e requintada. A voz que lhe dava corda ao coração. Feita de uma genuinidade que só ela tinha. Ele punha-se de vez em quando a contemplar-lhe as linhas do rosto. Olhava-a nos olhos e era aí que a seduzia. Ela adorava aqueles olhos. Faziam-na lembrar avelãs. Feitas de pureza. Doces.

Ao chegar a casa nessa noite, o rapaz pegou numa folha de papel e desenhou-a. Primeiramente, fez um esboço a lápis. Delineou a forma da cara, as maçãs do rosto, as sobrancelhas, os olhos, os cabelos, o nariz. Tudo de forma bastante rigorosa. Lembrava-se bem do rosto dela. Aprimorou alguns detalhes e, após isso, passou para a fase seguinte: dar cor ao desenho. Não usufruía de material artístico, pelo que usou uma simples caneta esferográfica de tinta preta. Passou-a por cima das linhas de carvão. Coloriu todos os pormenores. Todos menos um – os lábios. Não os desenhou sequer. E não os desenhou justamente porque não sabia como fazê-lo corretamente. Ele lembrava-se de todos os

detalhes do semblante dela, menos aquele. Havia um dom que o rapaz possuía e que o fazia lembrar-se tão bem de como ela era – o toque. Passara-lhe as mãos pelos cabelos. Acariciara-lhe o rosto. Beijara-lhe a testa como um gesto de afeto e respeito. Lembrava-se de tudo isso graças ao toque. Como se a sua pele ainda sentisse tudo aquilo.

Depois conseguia transmitir aquela sensação para a folha sem grandes dificuldades. Porém, quanto aos lábios, tinha apenas uma imagem muito pouco nítida. Apenas os contemplou. Nunca os sentiu. Mas talvez não precisasse necessariamente de os sentir. Afinal, bastaria ter um olhar mais atento e cuidadoso. Com o tempo, conseguiria criar uma imagem perfeita para depois a passar para o papel.

Todos os dias ao vê-la, o rapaz mantinha boa parte do seu tempo com os olhos postos nos lábios dela. Tentava fazer um esboço daquilo que viria a ser o detalhe mais formoso do seu desenho. Mas mesmo assim, não era suficiente. Por muito que os tentasse memorizar, por muito que os tentasse recordar depois, nunca conseguia ter uma imagem clara. Cada vez que pegava no lápis para os tentar desenhar, a imagem perdia a sua forma. Tornava-se ambígua. Incerta. No final, nada tinha a acrescentar ao papel. A frustração era obviamente incontestável, e no entanto, ele convencia-se a si mesmo de que um dia terminaria aquele desenho.

Uma vez voltaram a encontrar-se junto do rio ao final da tarde. Estavam os dois sentados num banco de jardim. A rapariga parecia dormir sobre o ombro dele. O rapaz, por sua vez, contemplava o quotidiano à sua volta. Pessoas a apanhar os transportes de regresso às suas casas depois de um longo dia de trabalho, bares e restaurantes a encherem-se de multidões e vários artistas de rua a expor as suas artes no meio da avenida. Permanecia calado. Pensativo, talvez. Queria dizer algo, mas não sabia o quê exatamente. Apesar de o silêncio ser agradável, não o queria prolongar por muito mais tempo. E foi no exato momento em que estava prestes a pronunciar algo, que ela ergueu a cabeça, lhe envolveu o rosto nas

mãos e o beijou. Os seus lábios tocaram-se. Tanto um como o outro se renderam àquele beijo. Fora repentino, mas aprazível. Após se desprender dos lábios dele, a rapariga deixou-se cair no seu peito, confusa e perdida em relação ao que fizera. Passou-se de novo um longo e breve silêncio. Muita coisa podia ter sido dita naquele momento, mas a real verdade é que já nada precisava de ser dito doravante. Ele ansiara por aquilo. Ambos ansiaram. Porém, ele sentia um desejo incontestável dentro de si a exigir mais. Desta vez, foi ele que a beijou. Um beijo mais firme e prazeroso. O anterior, apesar de temperado com uma dose de delicadeza e ternura, fora curto e simples, mas o ritmo deste era bem mais demorado, envolvente e sedutor, fazendo com que ela se deixasse levar por aquela intensidade apaixonante. Ele estava a desenhá-la naquele momento. Os seus lábios estavam a desenhar os dela. A saborear cada canto da sua boca. Após aquele íntimo toque, enlaçaram-se num abraço. Quando a rapariga o abraçou, sussurrou uma só palavra – Guarda-me. Aquela palavra ecoou-lhe dentro do ouvido e ele pressionou-a com mais força contra o seu peito, enquanto o sol se aproximava da linha do horizonte, prestes a desaparecer e levando consigo aquela lembrança deles os dois abraçados à beira-rio.

Quando o rapaz regressou a casa, sentou-se à secretária, retirou o desenho da gaveta e pousou-o diante de si. Pegou no lápis e desta vez não hesitou. Agora sim, lembrava-se dos lábios dela. Era como se ainda os sentisse desenhados nos seus. Começou a fazer pequenas linhas, leves e sem aplicar grande pressão sobre a folha. Fazia-o de forma lenta e delicada, como se o lápis fosse a sua própria boca a desenhar a dela. Depois começou a fazer rabiscos mais detalhados e não tardou para que os movimentos com o lápis comesçassem a ganhar uma maior destreza em cada contorno que traçava. Ao terminar o desenho, pegou na caneta de tinta preta para passar por cima das linhas que tracejara, mas conteve-se uns instantes. Aquele pormenor exigia algo diferente. Algo mais forte. Mais vivo. Ao invés, usou uma caneta de tinta vermelha.

Quando terminou, pousou a caneta do lado e pôs-se a contemplar o resultado final. Os seus olhos brilhavam. O desenho, o rosto

dela. Ficaram genuínos. Únicos. E o pormenor dos lábios pintados de vermelho era simplesmente soberbo. Era o que dava vida àquele desenho. O rapaz expô-lo numa das paredes do quarto e nunca o tirou de lá. Cada vez que acordava, ao olhar para aquele pedaço de papel ilustrado, começava a navegar numa nostalgia que só ele sabia dizer o quão harmoniosa era. Aquele desenho, aquele rosto. Aqueles lábios, aquelas linhas. Tudo o que alguma vez desejara ser fruto da sua própria boca.

Concerto de Inverno

O Concerto de Inverno «Winter Blessings», pelo Coro da Universidade de Lisboa, decorre no dia 13 de janeiro de 2024, às 21h, na Igreja da Nossa Senhora de Fátima (Avenida de Berna). Este concerto integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.



Mais informações em <https://www.ulisboa.pt/evento/concerto-de-inverno>

Sobre Perfumes que já foram Casa

Autoria: Bruna Ribeiro
Edição: Inês Cândido
Ilustração: Nobre Bastos

Hoje senti o teu cheiro no metro. Um cheiro que há muito não sentia.

Um cheiro que se foi perdendo na minha memória, mas que nunca esqueci.

Foram poucos segundos, mas reconheci-te nele assim que o respirei. Foi instantâneo.

Porque já foi Casa. Já foi porto-seguro.

Porque é o teu cheiro. O teu perfume de todos os dias - aquele que te recusavas a substituir. É o cheiro de quem me ensinou a amar. De quem me mostrou o que é o amor e o que nos pode trazer. No que nos pode transformar.

De quem me ensinou que, sem amor, a vida não tem o mesmo sentido.

Acima de tudo, de quem me fez ver o amor como uma comoção (*in*)condicional.

Durante o tempo em que fomos um do outro, escrevemos uma história bonita. Com altos e baixos. Com páginas em branco. Com parágrafos mal marcados. Com (*e sem*) pontos finais. Com misturas de *Pessoa* e *Saramago*. Sem o sentimentalismo de *Minh'Alma*.

Uma história bonita que acabou quando deixei de sentir o teu perfume, que já foi o meu preferido. Foi este o perfume que usaste quando me disseste adeus.

Saber que te perdi é a pior sensação que já passou por mim.

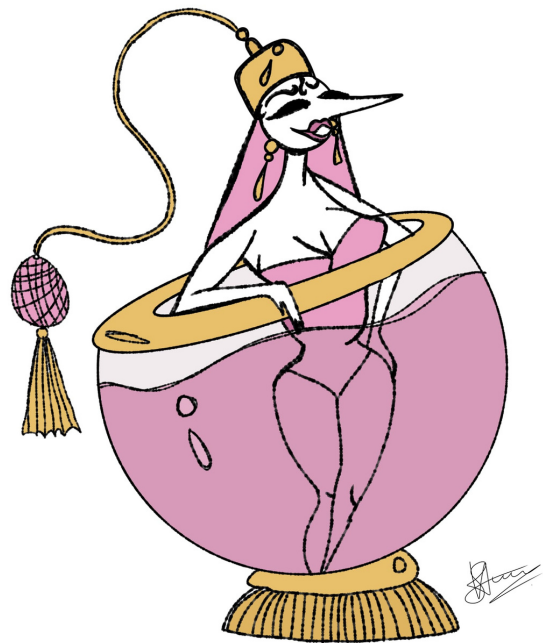
Demorei mais tempo do que gostaria de admitir a tentar esquecer-te. A apagar-te das memórias, das fotografias, das viagens. Do coração, principalmente.

Hoje sou só eu.

Não tenho os teus lábios, nem o teu cheiro.

Voltar a sentir o teu perfume tão perto de mim fez-me recordar-te novamente. Fez-me relembrar tudo o que um dia fomos. Perante os

meus olhos cruzaram-se o amor que nos uniu e a paixão que, em tempos, nos devorou os corpos. Foi sentir o coração sair do peito. Foi voltar àquele fim de tarde de maio. Foi ter-me perguntado vezes sem conta se me amaste como eu te amei. Se fui para ti o que me dizias ser. Porque a tua partida foi tão inesperada como a tua chegada. Foi voltar ao instante em que o meu coração se partiu. Foi reviver a angústia de me teres pegado na mão, e teres pedido para não chorar. Dizeres que nunca me esquecerias, e relembrares-me o quão importante fui para ti.



Ainda que tentasse fazer o que me pedias, desabei.

Já tu, mantiveste-te forte até ao último adeus. Sem olhar para trás. Nem que fosse uma única vez.

A tua boca dizia que já não me querias, a minha só te queria beijar.

Algo nos teus olhos me fez acreditar que não tinhas a certeza, mas a forma como partiste disse-me que era o fim.

Perdi-te para sempre, não perdi?

A Noite

Autoria: Diogo Alinho
Edição: António Santos
Ilustração: Nobre Bastos

Chega a noite alquímica e tu, uma mulher cristã por herança familiar, rezas à janela pelas almas que enfrentam tão prontamente a escuridão. As orações decorrem até ouvires o genérico da tua novela preferida e aí decides sentar-te na poltrona em frente à televisão. A expressão no teu olhar revela uma alacridade que só tu consegues sentir por um conjunto de personagens fictícias. Olho-te com mais cuidado e reparo, inocentemente, que estás a envelhecer... As rugas esculpidas pelas mãos do Tempo acentuam-se, o cabelo, que uma vez fora forte e volumoso, é agora frágil e ténue e, como gostas de dizer, as aranhas levam-te as memórias para formarem as suas teias na tua mente. Reparas que te estou a observar e perguntas-me: «Podes ir buscar um chocolate para a avó?»



Sigo em direção à cozinha, submerso numa onda de admiração, organizando os fragmentos da tua vida que me foram oferecidos desde a minha infância e que me ajudaram a construir a imagem da senhora que és: a tua força provém dos baldes de azeitonas que carregaste todos os dias, no mercado municipal, para ajudares o teu pai no seu negócio; a tua paciência advém dos cuidados que prestaste à tua mãe que, no final da sua vida, foi diagnosticada com Alzheimer - para mim, a bisavó é ainda uma floresta negra,

onde as árvores e as outras formações vegetais se esqueceram das melodias que tinham que tocar para se poderem converter no templo místico que estavam destinadas a ser - e o teu talento que, infelizmente, não foi o suficiente para que te tornasses na modista que sempre sonhaste ser... Foste a primeira pessoa a avisar-me da crueldade do mundo e, no entanto, foste também a primeira a mostrar-me o seu fascínio... Na cozinha, lugar onde praticas a tua magia ancestral, iluminas o meu dia cada vez que interrompes a confeção do almoço para dançar comigo. Quando as dores no teu corpo não o permitem, o que tem vindo a ser mais frequente, acompanhas-me no meu devaneio cantando as mais variadas músicas de Amália Rodrigues. Nem sempre nos entendemos, pois nascemos em mundos diferentes, mas tu sabes que há pouca vontade para discutir quando o amor é tão grande. Carregas contigo um poema - que gosto de acreditar que te foi passado por Deus nos teus sonhos - e assim vais vivendo. Passaste pelo pior que a humanidade tem para oferecer - fome, guerras, ... - e, mesmo assim, tens esperança que um amanhã melhor chegará.

Trago o teu chocolate preferido e pergunto-te se te posso abraçar, pois acredito, fervorosamente, que cada abraço que te dou sussurra a honra que sinto por teres sido a semente da flor que em mim germinou.

Raízes

Autoria: Mariana Raminhos
Edição: Mafalda Vale
Ilustração: Nobre Bastos

Num país tão pequenino como o nosso, onde a cultura se manifesta nas mais variadas formas, a música perde-se um pouco neste amplo espaço. A complexidade da língua portuguesa, que expressa tanto em tão poucas palavras, acaba por não ser apreciada neste contexto. Gostaria de apresentar razões que justifiquem este fenómeno, porém, claramente, sinto-me tão perdida quanto vocês. Entre as canções de intervenção que ecoavam no 25 de abril e o surgimento do hip hop tuga, algo separou os portugueses de um dos seus mais importantes traços de identidade, que vão muito além das discussões políticas e dos campos de futebol.

Parece-me contraditório que o idioma que define os momentos essenciais à nossa existência, como aqueles em que sentimos falta dos nossos amigos ao ponto usarmos a palavra “saudade”, aqueles em que gostamos tanto de alguém que nos apercebemos do significado do verbo “amar” ou aqueles em que um adeus não é suficiente para a despedida. Ser português traz uma certa emoção a tudo o que vivemos e a nossa música reflete nada mais do que isso mesmo.

Existe um claro tom depreciativo em relação às produções nacionais que levou à intervenção política. O próprio ministro da cultura viu-se obrigado a declarar uma Iquota mínima que favorecesse os artistas nas rádios, abrangendo pelo menos 30% dos programas. A legislação não se limita aos 5 artistas que provavelmente todos conhecemos e sabemos de cor, mas abrange todos os géneros, que até podem ser completamente underground para a maioria. É factual que a música portuguesa nunca estagnou, muito pelo contrário; acabou por se adaptar às novas gerações, que consomem de forma religiosa esta nova forma de arte.

Tenho em conta esta mesma perspetiva de que canções são mais do que frases combinadas num som unilateral, são a poesia dos dias de hoje. Todos temos a habilidade de argumentar sobre este assunto, e discutimo-lo quase como um objeto artístico. Mais do que isso, apreciamos a música de maneiras distintas e encontramos nela propósitos diferentes. É do meu entender que muitas das letras que ouvi e

memorizei como uma reza por alguma razão me fizeram sentir conforto em momentos que nem eu própria sabia o que sentir. Certas noites quem se atrevesse a passar pela minha janela podia ouvir uma jovem adulta a berrar Teu Eternamente do Slow J como se estivesse a pregar um sermão. A magia das produções nacionais é essa mesma, a compreensão completa não só da emoção que carregam, mas também da mensagem em si, quase uma decodificação entregue por inteiro.

A música portuguesa não se limita ao pimba, embora todos o apreciemos nas festas da terrinha; esta vai muito para além dessa representação. Vejo-a como uma porta que abro constantemente para as memórias que criei ao som dela, relembro os adeuses que disse quando não o queria fazer, mas especialmente a conexão às minhas próprias raízes.

Referências:

1. <https://www.publico.pt/2023/07/31/culturaipilon/noticia/ministerio-cultura-repoe-quota-musica-portuguesa-radio-30-durante-ano-2058800>



O Outro Lado

ELGA FONTES

Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Elga Fontes é uma tradutora *freelancer* que já trabalhou com editoras como a Desrotina Editora, Cultura Editora e Bertrand Editora. É também conhecida nas redes sociais pela sua conta *Quem Me Lera*, no *Instagram* e no *TikTok*, onde cria conteúdo literário. Estivemos à conversa com a *bookstagrammer* e tradutora e tivemos a oportunidade de conhecer o seu percurso em Letras e no meio digital.

Como foi a tua experiência na FLUL? Algum professor ou memória em particular te marcou?

Acho que tive uma experiência muito heterogênea. Tive momentos e experiências muito boas e momentos e experiências muito más. Um momento positivo foi numa das minhas cadeiras favoritas em toda a licenciatura, em que a literatura era estudada com muita liberdade. Foi a cadeira que me ensinou a gostar de Shakespeare. [A professora] nunca nos impingia uma visão sobre as obras que líamos; alguns excertos eram lidos em casa e outros em aula e depois ela perguntava-nos o que é que achávamos sobre eles. Ela explicava a visão dela e as visões mais académicas, mas nunca fechava a porta à nossa visão, legitimando muito as nossas opiniões, mesmo que fossem o total oposto do que ela dizia. Sinto que isso foi muito importante para mim como leitora e até como pessoa. Continuo a ler Shakespeare até hoje por causa dela. Quanto a experiências negativas, apanhei muitos professores preconceituosos.

Tive um momento com um professor que parecia ter saído de uma série da Netflix - é daqueles momentos que nos apercebemos que essas coisas também podem acontecer na vida real -, em que ele me disse para pensar bem se queria fazer a cadeira dele, porque achava que seria demasiado difícil para mim. Voltei a apanhar esse professor noutra cadeira e, quando estávamos a fazer teste, alguém espirrou enquanto a sala estava toda em silêncio, e ele não gostava de quando interrompiam o silêncio. Começou a perguntar quem é que tinha espirrado e ninguém se pronunciou, então ele disse, na brincadeira, «Vejam lá se é preciso eu ir buscar uma arma.» Quando ninguém disse nada, ele continuou a brincar e disse «Mas alguém aqui tem uma arma ou não preciso de perguntar aos alunos negros?». Éramos dois, eu e mais um rapaz, e nós ficámos a olhar para ele e olhámos um para o outro do tipo «O que é que está a acontecer?». Foi realmente péssimo.

Porque é que escolheste Línguas, Literaturas e Culturas? Era a tua primeira opção?

Antes de vir para LLC, fiz um ano de Sociologia noutra faculdade e detestei. Eu estava numa altura



«A minha atividade de leitura era sempre muito solitária, eu não tinha ninguém com quem falar sobre ela e sentia um bocado falta disso. Foi no *bookstagram* que encontrei uma comunidade inteira com quem poderia falar sobre livros e viver essas experiências de leitura.»

em que andei muito perdida e LLC surgiu não como o curso que eu queria, mas como o curso que achei que me ia fazer bem. Escolhi LLC pela afinidade: é um curso muito aberto, com muitas opções e tem muito a ver com aquilo que gosto já desde o secundário. Foi essa a minha lógica. Depois de desistir de Sociologia, tanto a FLUL como LLC foram a minha primeira opção. LLC é bom para quem já sabe o caminho que quer trilhar, mas também é um bom curso para quem não sabe e está em fase de descobrir.

Tens algum conselho para es alunes de LLC que estão agora a realizar a sua licenciatura?

Não escolham aulas às 8 da manhã. É o conselho que eu gostava que me tivessem dado a mim. No 1º ano, 1º semestre, marcaram-me aulas para as 8 da manhã e foi horrível ter de acordar tão cedo logo no meu primeiro ano da faculdade. Já há tantas dificuldades no primeiro ano, não adicionem mais essa, poupem-se.

Com que idade é que percebeste que livros eram a tua paixão?

Eu não me lembro desse momento, mas sei que aconteceu enquanto eu estava na licenciatura, já depois dos 20 anos. Sempre gostei de ler, os meus pais sempre me cultivaram esse gosto pela leitura, mas era mais intermitente, tinha momentos em que lia mais e momentos em que lia menos. Não era como agora, ou como desde que criei o Quem Me Lera, que é muito mais consistente e avolumado em termos do que leio.

Como começaste a transição para a tradução?

Foi muito natural. Eu fiz um Minor em Tradução na licenciatura, mas nunca me imaginei a fazer tradução literária, o que eu queria era legendagem. Tive cadeiras de ambas e nunca me reví nessa área. As minhas cadeiras favoritas foram as de legendagem e então estava muito virada para esse lado, era isso que queria fazer. Isso e revisão de texto, que entretanto também descobri que gostava imenso. Quando saí da licenciatura, acabou por não acontecer. Pela influência do bookstagram, decidi que queria trabalhar com uma editora. Fui para o mestrado, já deixando um pouco de lado a legendagem, e comecei a trabalhar como revisora de texto. Um dia, surgiu a oportunidade de fazer uma tradução, que eu aceitei fazer, e foi aí que eu percebi que realmente gostava daquilo. Desde aí nunca mais parei.

Enquanto estavas na FLUL, alguma vez pensaste que poderias chegar aqui?

Nunca me passou pela cabeça. Isto foi o fruto de um conjunto de fatores que foram muito naturais e muito inesperados, desde a criação do Quem Me Lera e do crescimento que a página teve ao decidir que queria trabalhar com editoras, às pessoas que conheci, às oportunidades que me foram dadas. Foi tudo um cocktail de coisas inesperadas.



Que tipos de ensinamentos aprendeste na faculdade que te ajudam e que pões em prática no dia a dia?

Aprendi que seja quem for que esteja a falar, se eu não concordar ou se me parecer errado, eu tenho direito a contestar. Aprendi que tenho direito à voz – a ter voz e a usá-la. Aprendi que é muito importante termos espaços seguros, e com isto quero dizer lugares onde nos sentimos à vontade para sermos nós próprios, ou quando não sabemos ser nós próprios onde podemos experimentar diferentes versões de nós próprios. Foi algo que a FLUL me ensinou também.

Quando é que tiveste o primeiro contacto com o BookTok/Bookstagram e quais foram as tuas primeiras impressões?

O meu primeiro contacto com o bookstagram foi antes de criar o meu perfil e nem me lembro como aconteceu, foi muito por acaso. Acho que dei com um post de uma pessoa a falar sobre livros e pensei «Uau, que interessante!» Cliquei na página dessa pessoa e vi que era dedicada àquele conteúdo; fui fazer aquele stalk e em cada post vi pessoas a comentarem que também tinham aquele tipo de

páginas e falavam sobre livros. Fui assim mergulhando nesse universo, estupefacta por não saber que aquilo existia, que aquilo era uma coisa que se fazia e ainda mais estupefacta por eu não fazer parte daquilo, porque fiquei com imensa vontade de o fazer. Isto porque eu sinto que era aquela pessoa do meu grupo de amigos que estava sempre a ler, mas não havia mais ninguém assim. A minha atividade de leitura era sempre muito solitária, eu não tinha ninguém com quem falar sobre ela e sentia um bocado falta disso. E foi no bookstagram que encontrei uma comunidade inteira com quem poderia falar sobre livros e viver essas experiências de leitura. Mas ainda demorei um bocadinho a criar a minha página depois de descobrir esse mundo. Criei-a, deixei ali em banho-maria uns dias e só depois é que fiz a primeira publicação e comecei a seguir pessoas. Fui logo muito bem acolhida. Lembro-me que a minha primeira impressão do bookstagram foi: «Estas pessoas são mesmo acolhedoras!», porque foi imensa gente comentar no meu post, a dar-me as boas vindas à comunidade. Recebi ainda uma mensagem de uma rapariga que na altura também andava na FLUL, que é a Mariana, cuja página é @banal.girl, a dizer «Também estudo contigo na FLUL! Se precisares de alguma coisa, avisa-me.» Nesse ano, chegámos a ter uma cadeira juntas e ficámos super amigas e continuamos até hoje. Portanto, em relação ao bookstagram, foi essa a minha impressão: são muito acolhedores, deram-me as boas-vindas de forma a fazer-me sentir confortável ali e fizeram-me sentir que podia ter um espaço para mim. Em relação ao booktok, eu também tenho, mas não sinto o booktok como sinto o bookstagram. Se calhar porque estou lá há menos tempo e é outro formato. Apesar de também gostar dele, identifico-me mais com o formato do bookstagram. Em relação à comunidade do booktok, acho-a mais dispersa: há muitas pessoas que também estão no bookstagram e outras que só estão apenas no booktok. Mas, pela minha experiência, no booktok não há tanto aquela vertente comutativa que há no instagram. Mas acho que o booktok tem muito poder, sim, porque chega a muitas pessoas.

Qual é a tua parte favorita de cada uma dessas comunidades?

A minha parte favorita do bookstagram são definitivamente as pessoas. Do booktok é a criatividade. Gosto muito da forma como as pessoas exploram a criatividade nessa plataforma, desde a forma como usam as trends e as adaptam aos livros à forma mais íntima como falam dos mesmos - o booktok é mesmo o espaço para isso. Às vezes, uma pessoa faz apenas um vídeo a falar sobre os livros e

aquilo é incrível. Parece que é uma amiga nossa que está a falar connosco mesmo à nossa frente.

Quais são os teus planos futuros? O que é que podemos esperar da Elga de 2024?

Quanto aos planos futuros, para já, acabar o mestrado. Podem esperar da Elga de 2024 ser mestre em Estudos Editoriais. Quero continuar a trabalhar em tradução e revisão e isto que adoro fazer. Continuar a investir na minha formação e continuar no Quem Me Lera. No fundo, quero que seja um ano de dar continuidade àquilo que já existe, melhorar o que pode ser melhorado e também explorar novos caminhos dentro daquilo que quero fazer.

Como é um dia na vida da Elga?

De manhã, acordo cedo e vou ao ginásio; volto, vou trabalhar. Normalmente, quando estou em teletrabalho, trabalho numa tradução ou revisão. Depois faço uma pausa para almoçar e vejo uma série ou leio um bocadinho, depende de como está a minha disposição. Depois volto a trabalhar. Normalmente, tenho sempre objetivos para o dia. Por exemplo, tento sempre delinear muito bem aquilo que quero fazer para cada projeto que tenho em andamento, portanto vou organizando o meu trabalho conforme os meus objetivos. Depois, depende do dia. Gosto de dar caminhadas à tarde, ir ter com amigos ou então fico só em casa a existir, depende muito da minha disposição. É muito raro ter dias iguais. Mas o que posso dizer que é fixo no meu dia é ir ao ginásio, trabalhar e ler.

Obrigada pela disponibilidade para esta entrevista!

Elga Fontes sugere:

Livro: *Sou Um Crime* de Trevor Noah

Filme: *Como Perder um Homem em 10 Dias* (2003)

Canção: «Óleo de Nardo» de Marta Carvalho

Artista: Slow J

Lugar: Cascais

Espelhos

Sempre tive o sono leve. Já em criança, acordava com a minha mãe a levantar-se para ir trabalhar às 7h da manhã e só voltava a dormir quando a porta de casa se fechava. Na minha adolescência, o despertador do vizinho do andar de baixo acordava-me diariamente, sempre uma hora mais cedo do que eu precisava. Habituada à rotina, não estranhei quando me virei para o lado e, após esfregar os olhos, percebi que eram 3h da manhã. O relógio digital, um presente de Natal dado por uma tia que mal se deve lembrar do meu nome, era a única fonte de luz no quarto, com os números vermelhos a brilharem sinistramente na escuridão.

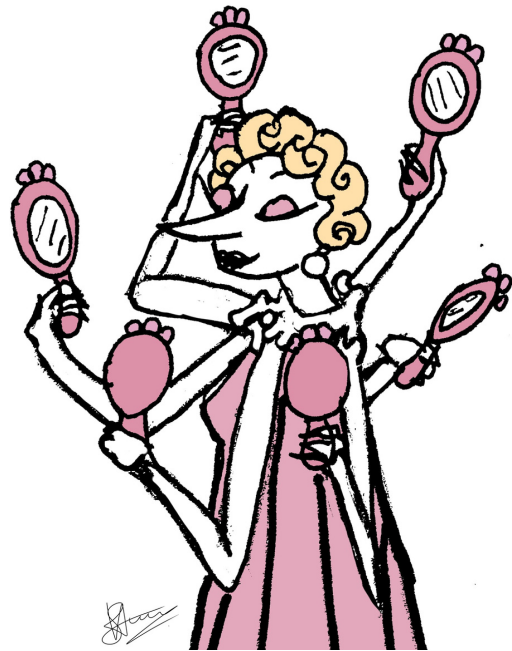
Levanto-me. Os meus pés descalços tocam no chão e nem me passa pela cabeça calçar as pantufas, estando demasiado sonolenta para tal. A ideia de tentar adormecer novamente é frustrante, nunca me agradou lidar com o tédio. Não tenho vontade de passar as próximas horas a remoer todos os erros embaraçosos do passado. Sinceramente, isso soa tão apelativo como responder a uma mensagem spam a informar-me de que uma encomenda que nunca fiz está retida na alfândega. Lavo o rosto com esperança de que a água leve consigo a exaustão que parece ter tomado conta do meu corpo, mas é fútil. Suspiro, a antecipar outra noite mal dormida, o que agrava a minha já desanimadora realidade: acordar às 6h da manhã para ir apanhar um comboio apinhado e passar oito horas numa empresa que me respeita tanto quanto eu respeito o tapete à porta de minha casa.

Quando retorno o olhar para mim mesma, com gotas de água gélidas a borrar resquícios de rímel do dia anterior, sinto um arrepio percorrer-me a espinha. O meu coração dispara, algo que não acontece desde que tinha 17 anos e fiz o exame nacional de Matemática. Não sei o que se passa, o que neste é tão perturbador para me causar tal aflição. Afinal de contas, a única coisa que eu consigo ver é o meu próprio reflexo. Este encara-me, sem pestanejar, como se questionasse a minha existência, como se estivesse perplexo por me encontrar ali.

É tão desconcertante como decepcionante. Pondero uma série de insultos criativos que poderia lançar aqui e agora e possivelmente descarregar a minha angústia existencial, mas fico calada. A minha imagem refletida é como a sirene de um alarme da Purga, estridente e ruidosa. De alguma maneira, a

casa permanece silenciosa, um cruel e doloroso lembrete da minha própria solidão.

O espelho começa por sussurrar-me ao ouvido, como se partilhássemos um segredo que levaria para o túmulo, mas a sua voz cresce rapidamente e ecoa por toda a casa. O seu tom é cortante, tal qual uma lâmina envenenada, exalando amargura como se eu fosse a culpada pela mediocridade que a minha vida se tornou. Ele julga todas as minhas escolhas, lembrando-me de todas as oportunidades que desperdicei, das aspirações que fracassaram e dos sonhos abandonados na busca desesperada por estabilidade.



Eu poderia ter retrucado, nunca me faltou vocabulário quando o assunto são discussões imaginárias com inimigos inexistentes, mas não o fiz. Talvez seja a noite fria, talvez o peso avassalador que me oprime, talvez a sensação de impotência perante um destino que já parece traçado ou uma entidade superior que se diverte às minhas custas. O silêncio prevalece.

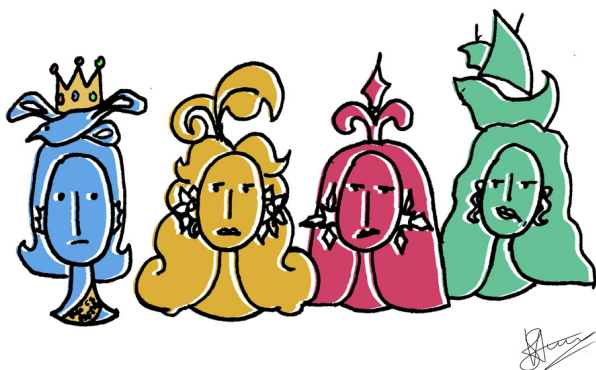
Enxugo o rosto com uma toalha que necessita urgentemente de lavagem e saio da casa de banho, desligando a luz. Caminho lentamente até ao meu quarto. Há muito tempo que deixei de correr para a cama como se algo me perseguisse. Deito-me, viro-me de lado e fico a observar o relógio até que ele toque. Nunca gostei de espelhos.

Odeio-te, linha azul! Mas eu sei que não é culpa tua...

Autoria: Ricardo Cerdeira
Edição: Inês Jordão
Ilustração: Nobre Bastos

Eram 07h53 da manhã e lá estava eu, sentado no 764 Cidade Universitária (cheiíssimo, claro), num dos assentos mais atrás, com a paragem terminal como destino, ou seja, a que é em frente à Aula Magna, mas do outro lado da estrada. Estava, também, preso no trânsito em Carnide, portanto a professora da minha aula das 08h00 bem podia esperar que lá aparecesse (presumindo que chegava antes das 09h00, ou antes das 09h30 de todo). Só me passava uma coisa pela cabeça: rogar pragas à linha do metro e a quem quer que seja o responsável pelas suas perturbações. Um ato diário, portanto. Odeio a linha azul!

Na realidade, eu devia estar a rogar tudo e mais alguma coisa a todos os condutores e semáforos que me empatavam o trajeto. Mas, francamente, a culpa é minha. Normalmente, vou até à gare de Benfica, mas, já que o autocarro passou por mim, tive a brilhante ideia de apanhá-lo até ao metro; o que, em teoria, é muito bonito. Porém, não foi nada disso que aconteceu. Eu não sei onde é que eu estava com a cabeça para pensar que apanhar o autocarro em Lisboa, numa zona residencial, perto de uma gare e à hora de ponta era uma boa ideia!



E é justamente assim que este circo de viagem começa. Ao sair do autocarro, desci logo as escadinhas, passei pelos cartazes do SL Benfica, andei até ao fundo do corredor, cheguei às cancelas. Ups! Espera lá! A linha está fechada! Não há uma cancela por onde passar o cartão. A única alternativa é o único autocarro que por ali passa e que vai para onde quero ir. Portanto, lá vou eu andar pelo corredor todo, passar pelos cartazes do SL Benfica, subir as escadinhas e, desta vez,

atravessar a estrada. Se isto não é a definição de “quanto mais depressa, mais devagar”, não sei o que é!

Que ódio! Que raiva! Vou ter um ataque psicótico! Que linha mais ridícula! É a que tem maiores tempos de espera porque tem milhentas estações, é onde andam sempre os mendigos falsos – não sei como é que há gente que acredita, mas mendigos pobres não calçam aquelas Adidas brancas que toda a gente tem – e é onde existem mais perturbações. Eu não tenho tempo para estas peripécias!

Eu tenho onde estar e onde ir durante o dia! Quem é que se atirou para a linha?! Digam-no! Apenas dizer “há perturbações na linha azul” faz com que a equipa do Metro pareça uma absurda incompetência. Os passageiros pensarão que é mais uma avaria. Uma avaria todos os dias, na mesma linha, no mesmo sentido e às mesmas horas.

Não me lembro muito bem da segunda viagem de autocarro – estava mais preocupado em ouvir músicas randomizadas e dissociar-me desta realidade e dimensão nas quais sou forçado a viver – mas lembro-me que “quanto mais depressa, mais devagar” também aqui se aplica. Enquanto o autocarro joga ao “luz verde, luz vermelha” no meio do trânsito, eu apercebo-me que ainda estou em Carnide. Ou seja, o autocarro vai dar uma volta à freguesia toda para, só depois, fazer meia-volta e seguir para Sete Rios e Praça de Espanha! Isto é algum autocarro turístico? Pelo menos, descobri zonas da cidade que não sabia que existiam. Por exemplo, descobri que o nome “Colégio Militar/Luz” é uma autêntica fraude. O Colégio Militar, de facto, não é nem ali nem perto!

A minha aula era às 08h00. Cheguei à faculdade às 09h15 (faltei), mas não me sinto nem mal nem aborrecido. Não fui eu que não apanhei o metro. Foi o metro que não me apanhou! E também não foi culpa minha porque não consigo prever o futuro. Era impossível eu saber que a linha estava fechada antes de chegar ao metro. Isto nunca teria acontecido se tivesse ignorado o autocarro...

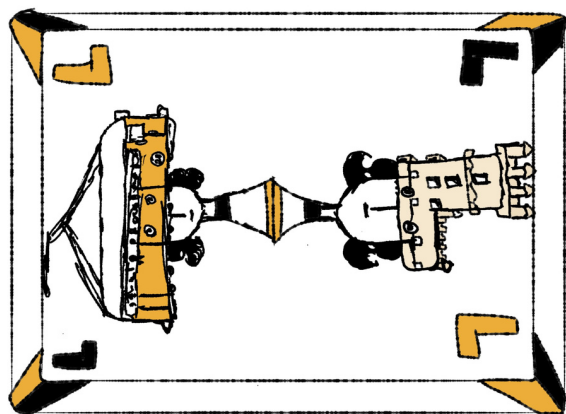
Agora, vou esperar que alguma daquelas almas seja caridosa o suficiente para me enviar os apontamentos da aula.

Duas semanas em Lisboa

No passaporte, o carimbo indica a data: 09 de setembro de 2023; escrevo este texto no dia 25 de setembro de 2023, 16 dias depois. Há duas semanas que estou em solo estranho aos meus pés. Uma vez ou outra ainda erro as direções, os caminhos ainda não estão gravados na minha mente. Não é fácil sair da zona de conforto, sem eufemismos, é uma porcaria. Mas cá estou eu, desafiando-me.

A minha primeira impressão da cidade foi: evoca-me bastante o Rio de Janeiro, só que limpa e, ao que tudo indica, bem mais segura. Noto a admirável capacidade de preservar o património - ainda não estou familiarizado à acentuação diferente - e a forma como tudo aqui parece contar uma história e eu, como bom rato de biblioteca, estou atento às entrelinhas.

O meu primeiro fim de semana foi de turista, percorrendo a cidade de um lado para o outro, fotografando além do que os meus olhos conseguiam capturar, sentindo-me de férias e com um sonho realizado. Porém, a realidade nunca demora a atingir-nos.



Segunda de manhã, chego à Universidade. A primeira mensagem que leio é de Sócrates, na parede da estação de metro: *“Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo.”* E senti-me abraçado. No Brasil, raramente era visto como brasileiro, mas sim como japonês ou algo do género. Assim como sei que no Japão não seria visto como um cidadão de lá. Conforta-me ser um cidadão do mundo, longe do entre-lugar em que sempre estive. Não sou brasileiro, nem japonês, nem português, mas algo além.

Subindo o túnel e avistando a dimensão da Universidade, atinge-me primeiro uma onda de excitação, mas também os primeiros choques: Quais são os documentos essenciais? Onde vou morar? Como vou me sustentar? Quantos textos terei de ler para a próxima aula?

Como fiquei a saber depois, estas também são dúvidas dos que já cá estão. A especulação imobiliária não é uma praga exclusiva de Portugal, mas aflige especialmente o país ibérico. Salários baixos e arrendamentos cada vez mais caros e, como diz o senhor português no hostel em que estou hospedado, *“ainda ficará pior”*. Não duvido destas palavras, mas gosto sempre de olhar para o lado positivo das coisas, afinal, estou longe de casa, e se deixar a negatividade abalar-me, o que restará de mim?

Em duas semanas já conheço o coração de Lisboa, e a Cidade Universitária já me é familiar. Possuo sonhos a conquistar a curto e longo prazo. Há uma tonelada de medos que me pesam nas costas, mas respiro fundo e sussurro, de maneira silenciosa, os primeiros versos mais lindos já escritos em qualquer idioma: *“Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”*

Quando Álvaro de Campos escreveu os versos de *Tabacaria*, tirou de nós um peso desnecessário de grandiosidade. Se não somos nada e nem poderemos ser, tudo o que resta são os nossos sonhos e o desejo de conquistá-los. É o que importa.

São as duas primeiras semanas de no mínimo dois anos. Tenho muito medo do futuro. Mas ao mesmo tempo que sinto-me motivado para alçar grandes voos, julgo-me no lugar certo e sonho acordado sem me esquecer de viver conforme a vida necessita ser vivida.

Uma vida é feita de muitas dúvidas, e só nós mesmos podemos saná-las.

Agenda Académica

Queres envolver-te no espírito académico?
Nesta *Agenda Académica* apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa, em que podes participar de forma gratuita.



«A prodigiosa imaginação poética de Chopin»

O Concerto «A prodigiosa imaginação poética de Chopin», com Jorge Moyano, decorre no dia 26 de janeiro de 2024, às 21h. Este concerto integra o programa Música na Universidade de Lisboa.

A entrada é livre, limitada à lotação do espaço.

*A agenda de concertos da Música na Universidade pode ser consultada [online](#), sujeita a atualizações.

Congresso Internacional I As línguas romances na documentação latina medieval

Nos dias 18 e 19 de janeiro de 2024, decorrerá nas salas B112.B, B112.E, B112.F da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o Congresso Internacional I As línguas romances na documentação latina medieval, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos.

*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.



XXXI Colóquio da AFIRSE Portugal | Aprendizagem, Diversidade e Equidade: A Investigação em Educação

De 7 a 9 de fevereiro de 2024, decorrerá no Instituto de Educação da ULisboa o XXXI Colóquio da AFIRSE Portugal | Aprendizagem, Diversidade e Equidade: A Investigação em Educação. Organizado pela AFIRSE Portugal visa promover o debate e a divulgação do conhecimento científico, produzido na investigação em Educação, sobre a aprendizagem na sua relação com a diversidade e a equidade.



Aqui podes encontrar eventos como concertos, congressos e colóquios sobre línguas, diversidade, literatura, filosofia, entre outros. Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



Seminário LOCUS: «Atracção e a Traição Hispânicas de Mário Cesariny e Alberto de Lacerda»

O trigésimo sétimo Seminário de Investigação do Grupo LOCUS decorrerá no dia 15 de dezembro, entre as 11h e as 12h30 na sala BI12.E. A entrada é livre.

*Estão disponíveis mais informações no site da FLUL, na secção Agenda.

João Gonzalez: Exibição de Curtas-Metragens | NUCIVO FLUL

No dia 22 de janeiro de 2024, decorrerá no Anfiteatro III uma sessão de exibição de curtas-metragens de João Gonzalez, o primeiro realizador português nomeado ao Óscar da Academia. O evento, organizado pelo NUCIVO, contará ainda com uma conversa aberta com o realizador.

Consulta o perfil do NUCIVO no Facebook ou Instagram (@nucivo_flul) para mais informações sobre o programa.



Museus na Transição para a Democracia, 1974-1990

Enquadrado nas Comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril de 1974, o encontro pretende refletir sobre as vivências, as memórias e as histórias dos primeiros anos de democracia nos museus portugueses. Haverá palestras, testemunhos, mesas-redondas e comunicações orais (por submissão).

O encontro decorrerá nos dias 14 e 15 de março de 2024, no Museu Nacional da História Natural e da Ciência

*Estão disponíveis mais informações no site da ULisboa, na secção «Congressos e Conferências».



O chão e o colo

Autoria: Filipa Ribeiro
Edição: Mafalda Vale
Ilustração: Nobre Bastos

Vivi uma vida inteira
A passar de colo em colo
Fui oferecida ao mundo
Para exposição
Quando percebi a minha autonomia de movimentos
Quis escolher saltar de colo em colo
Conforme queria
Nos de quem escolhia
Sempre fui ameaçada
De que podia ser abandonada,
no chão
Assim, revoltada
Cada vez mais desconfiada
Sinto-me confinada
E ponho a mira apontada
para um colo mais alto,
Mais bem selecionado
Tenho uma melhor vista,
mais bonita
E enjojo do ritmo do balançar
daquele colo que não é meu.
Sufoco, pretendo saltar
E durante a queda falta-me o ar
Sinto-me eternamente caída
De um Éden simulado,
Jamais vivido
De coração partido,
que palpita calado
Ai, que prisão!
É o colo ou o chão
Só queria ter pernas
Pernas para andar.



Nobre Bastos



Exposição «Moita Macedo Poeta Pintor»

A exposição «Moita Macedo Poeta Pintor» é uma das muitas iniciativas que integram o programa de comemorações dos 10 anos da ULisboa. A inauguração da exposição tem lugar no dia 11 de dezembro de 2023, às 18h30, na Reitoria da Universidade de Lisboa.

A exposição decorrerá até dia 16 de fevereiro de 2024 e a entrada é gratuita.

*Estão disponíveis mais informações no site da ULisboa, na secção Agenda Cultural.

Manual de Intruções

Lava na máquina os teus fantasmas no modo delicado,
Eles já passaram por demasiado.
Se for muito brusco e causar um trambolhão,
Eles vão rebentar como uma bolha de sabão.
Por favor, lava os teus fantasmas no modo delicado.

Tem a certeza que o ciclo está no frio,
Não são como tu, não estão habituados ao estio.
Como uma velha manta,
Eles encolhem como em derrota.
Por favor, tem a certeza que o ciclo está em frio.

Não ponhas os teus fantasmas na máquina de secar,
Preferem estar pendurados, como um pássaro a voar.
Se eles forem dobrados como deve ser,
Até parece que estão a resplandecer.
Por favor, não ponhas os teus fantasmas na máquina de secar.

Lava-os pelo menos uma vez por mês,
Porque todos os fantasmas querem polidez.
São incapazes de assombrar,
Se houver pó enquanto tentam ostentar
Por favor, lava-os pelo menos uma vez por mês.

Nem todos os teus fantasmas são malvados,
Tal como tu, precisam de amor e cuidados.
Se forem tratados de modo justo
Nunca irás acobardar,
Pois em qualquer momento
Tens os teus fantasmas em quem confiar
Mas se eles forem desgastados,
Acabariam por ficar desesperados.
E não julgarias
Que seriam terrivelmente injustiçados?
Então apenas está ciente que é preciso
Lavar os teus fantasmas no modo delicado.



O que nos diz o conto da Princesa Gorila

Autoria: Filipe Marçal
Edição: Maria Beatriz Vieira

O conto «Os pretendentes da Princesa Gorila» é um conto folclórico e tradicional africano, que originou na África Ocidental e é, num primeiro plano, relatado por Robert Hamil Nassau, um missionário norte-americano. Este conto está presente na obra *Contos folclóricos africanos Vol.1*. O palco desta fábula tem lugar na Nação Njambi, no qual o Rei, que é um Gorila, tem uma filha de beleza estonteante, deixando todos encantados, ao ponto de todos os animais quererem ser pretendentes desta Princesa. Talvez, este desejo de casar com a filha do Rei, poderá não só estar relacionado com a beleza da Princesa, mas também com o estatuto de filha do Rei Njina. Este conto apresenta-nos numerosas personagens, de diversas espécies diferentes, todas elas, mostrando também a grande diversidade de espécies presentes no continente africano. Para além da biodiversidade, diria que estas personagens representam igualmente os diferentes tipos de pessoas, pois embora todos nós sejamos iguais (na medida em que somos seres humanos), somos também todos diferentes, e é aí que reside a nossa beleza: na diferença.

Ora, o conto apresenta-nos o Rei Gorila. Este rei lançou um desafio a todas as tribos do seu reino e quem cumprisse poder-se-ia casar com a Princesa, sua filha. O desafio consistia em beber um barril inteiro de uma «nova água». O Elefante Njâgu, o primeiro dos candidatos, estava bastante confiante de que seria o vencedor, o que não veio a acontecer. A derrota do Elefante trouxe alento a todos os outros concorrentes, pois tendo em conta as suas características, este teria, supostamente, mais facilidade em vencer. Seguiu-se o Hipopótamo Nguwu, também este cheio de confiança na sua vitória. No entanto, acabou por ser facilmente derrotado... Logo de seguida, juntou-se o Porco do mato Ngowa, que surge mais cauteloso, mas, também ele fracassou. Depois, seguiu-se o Leopardo Njêgâ, bastante «gabarolas» e exibicionista, principalmente por conta da sua beleza física, que de nada lhe serviu, pois também ele acabou derrotado. Por fim, temos Telinga, um pequeno macaco que surge tímido, mas audaz, causando choque a todos os presentes, pois, com todos os outros derrotados que apresentavam características muito mais

favoráveis para vencer, ninguém acreditaria na possível vitória de um pequeno macaco.

O que ninguém contava era com a esperteza deste pequeno animal, que em conluio com a sua tribo, criou uma estratégia: a cada gole dado na «água», o macaco saíria para o mato. O truque consistia em, dadas as semelhanças entre estes macacos da Tribo dos Micos, ir trocando entre si de forma a ser sempre um macaco diferente a beber e ninguém reparar; assim foi... Os macacos foram bebendo o barril até ao fim, tendo o Rei Gorila anunciado o vencedor, Telinga. Quando Telinga se ia aproximar da Princesa foi atacado pelo Leopardo, juntamente com os outros derrotados.

Apavorado, Telinga fugiu para o bosque e desde então ele e a sua tribo passaram a viver na copa das árvores, com o medo de voltar ao chão. A ideia de Telinga, que à partida parecia boa e eficaz, acabou por sair caro. Pois, embora tivesse saído como vencedor deste desafio, todo este evento teve consequências, influenciando toda a dinâmica de vida e de organização da sua tribo dali em diante. Embora não o tenha feito, propriamente, por maldade, a “batota” saiu muito cara, penalizando aquilo a que chamamos de «chico-esperto» nos dias de hoje.

Este conto é inspirado na chegada do rum a África e seria assim a tal «nova água». Na tradição local, esta “trafulhice” de Telinga e da sua tribo de macacos foi o motivo pelo qual os macacos passaram a viver nas árvores e não no chão.

Diria que este texto pode ser associado à nossa sociedade, mostrando as diferentes pessoas e personalidades, aqui tão bem personificadas pelos animais. Vimos: um elefante e um hipopótamo convencidos; um porco do mato cauteloso; um leopardo exibicionista. Todos eles mostraram-se egoístas e invejosos, todos eles perderam sem aceitar a derrota e atacaram o vencedor, por não poderem suportar a sua felicidade sentida por outros. Acredito que, perguntando a Telinga este dir-nos-ia que a aldrabice não valeu a pena.

O que se pode retirar deste conto é que a humildade é o mais importante, mesmo que nem sempre o nosso objetivo seja alcançado!

Sobre a Cultura de Cancelamento

Autoria: Mafalda vale
Edição: Matilde Mala
Ilustração: Nobre Bastos

O debate sobre a cultura de cancelamento tem sido longo e controverso. Vários argumentos foram já apresentados, tanto contra, como a favor da mesma. Um deles é o de que é ineficaz, pois, apesar de ter surgido como uma tentativa de proteger os «mais fracos», acabará sempre, inevitavelmente, por ser usada a favor dos «mais fortes», devido ao facto de vivermos numa democracia liberal. Existe, ainda, a perspetiva de que a cultura de cancelamento, por consistir numa tentativa de fazer prevalecer uma determinada forma de pensar sobre outra, é o «regresso do espírito das guerras religiosas» (1), devendo, por isso, ser combatida e substituída pela tolerância.

Na minha perspetiva, o primeiro argumento faz sentido. A cultura de cancelamento surgiu como uma tentativa de retirar a plataforma ou a notoriedade a quem expressava uma opinião condenável, ou com a qual o seu público simplesmente não concordava. Podia aplicar-se a músicos, atores, comediantes, celebridades, ou, no fundo, qualquer personalidade com algum destaque mediático. Inicialmente, considerou-se que podia ser uma forma eficaz de punir aqueles que usavam a sua notoriedade para propagar ideias opressoras sobre grupos fragilizados. Quem era contra essas ideias «boicotava-os», deixando de consumir os seus conteúdos, o que levava (supostamente) à diminuição do seu destaque social e, conseqüentemente, a que menos pessoas contactassem com as suas ideias, que era o principal objetivo. Assim, em teoria, era um mecanismo com potencial para ser usado por qualquer pessoa contra qualquer outra pessoa, desde que estivessem presentes na mesma plataforma.

No entanto, este cancelamento ocorria, normalmente, no contexto das redes sociais, onde há uma sensação artificial de igualdade. Uma vez que qualquer pessoa pode viralizar, se publicar algo que gere muita interação por parte dos outros usuários da rede e qualquer pessoa pode deixar de seguir outra, há a falsa ideia de que cada indivíduo tem um impacto concreto na notoriedade do outro. Mas, na vida real, as coisas não funcionam da mesma forma. O poder económico e político de uma pessoa

oferece-lhe uma espécie de escudo social, que dificulta o seu cancelamento por quem não o tem e lhe facilita, por sua vez, o cancelamento de outros. As suas ideias continuarão a ter uma plataforma e destaque social, enquanto a pessoa continua a ter poder económico e político, sendo quase impossível para o cidadão comum cancelá-la, ou sequer ter qualquer impacto na sua notoriedade. Por outro lado, através da retirada de apoio financeiro ou político a alguém ou algo, essa pessoa consegue produzir um cancelamento muito mais eficaz e impactante. Assim, numa democracia liberal, a cultura de cancelamento é, de facto, ineficaz no seu propósito original, uma vez que pode ser - e é - usada por quem tem mais poder contra quem tem menos.



No entanto, esta constatação não me leva à conclusão de que temos, pura e simplesmente, de ser tolerantes, «para que uma variedade de verdades possa coexistir pacificamente» (2).

De facto, as guerras religiosas partiam do pressuposto de que Deus nos fornecia um conjunto de princípios verdadeiros e inquestionáveis, aos quais podíamos ter acesso através da igreja. Assim, havia uma forma de argumentar que quem discordava desses princípios estava objetivamente errado, pois estava, supostamente, a discordar de Deus, o

portador da verdade absoluta. Nesse tempo, isto era razão suficiente para a destruição de povos inteiros e das respetivas culturas - acreditava-se que as suas culturas eram, simplesmente, erradas, e, por isso, não agir sobre elas seria imoral. Porém, com o declínio da popularidade da Igreja e o aumento do ateísmo, este argumento deixou de resultar e deixou de haver uma justificação que transcendesse o homem para afirmar que determinadas crenças eram certas ou erradas. O aumento do ceticismo levou, por sua vez, a um relativismo generalizado: na ausência de uma entidade agregadora através da qual podíamos aceder à verdade, deixou de se acreditar que ela existisse de todo. Começou o tempo do «eu tenho a minha verdade, que é aquilo que funciona para mim, e tu tens a tua, e são igualmente válidas simplesmente porque ambas existem». Porém, há uma distinção importante que parece escapar a esta forma de relativismo: uma variedade de opiniões pode, sim, existir - toda a gente tem a liberdade para acreditar no que quiser, independentemente de ter ou não uma justificação para tal -; mas a verdade é, por definição, uma só, e este seu estatuto não está dependente da existência de um Deus. Existe verdade quando existe uma correspondência entre aquilo em que acreditamos e aquilo que é o caso, no mundo real. Entre as duas afirmações «O céu é azul» e «O céu não é azul», só uma delas pode ser verdade, porque o céu ou é azul ou não é; o que não implica que não possam haver pessoas a acreditar em ambas. Mas o céu não pode, ele mesmo, simultaneamente ser e não ser azul. É importante manter em mente que o mundo, apesar de ser plural, não é contraditório, o que significa que a verdade também não o pode ser.

Assim, na presença de perspectivas intolerantes para com grupos minoritários de pessoas, ou perspectivas simplesmente incorretas, defendo que o meio a utilizar para as combater é a educação. A maior parte destas perspetivas são o resultado de ignorância e, se queremos de facto chegar à verdade, basta-nos consultar a evidência científica, adotar uma postura racional e utilizar argumentação sã. Por exemplo, a ideia de que a homossexualidade é um transtorno mental é facilmente refutável, se olharmos para o que a ciência tem a dizer sobre isso. A ideia de que uma pessoa não deve existir só porque não compreendemos a sua existência deixa de fazer qualquer sentido a partir do momento que lhe aplicamos um bocadinho de lógica. Só por não se acreditar em Deus, não é inevitável cair-se num relativismo. Existe, sim, uma verdade, e, aliás, os meios que temos à nossa disponibilidade para lhe aceder nos dias de hoje são muito mais robustos do

que aqueles que eram utilizados há uns séculos atrás. Por isso, face ao discurso opressor, não penso que faça sentido apelar apenas à tolerância, até porque tolerar intolerância é uma forma de compactuar com ela, caindo-se, assim, em contradição. É importante educar em direção à verdade.

Além disso, o «cancelamento» não dá uma oportunidade para as pessoas crescerem com os seus erros. Claro que alguém que esteja informado e continue, de forma sistemática e propositada, a ofender e oprimir grupos de pessoas não merece tolerância e perdão infinitos. No entanto, há pessoas que incorrem neste tipo de discurso sem intenções propriamente malévolas, mas apenas como resultado da sua ignorância. Nesses casos, o seu cancelamento imediato não traz nada de positivo, pois deixa o ignorante na sua ignorância e retira-lhe a possibilidade de sequer se redimir. A própria causa que queremos defender não beneficia da exclusão de um potencial futuro aliado, só porque este cometeu erros no passado.

Assim, defendo que o cancelamento não é uma forma eficaz de combater o discurso opressor e ignorante, apesar de também não considerar que a solução para o mesmo seja a tolerância passiva. Quando o ódio é um produto da ignorância, devemos tentar chamar as pessoas à razão, por meio de argumentos lógicos e educação.

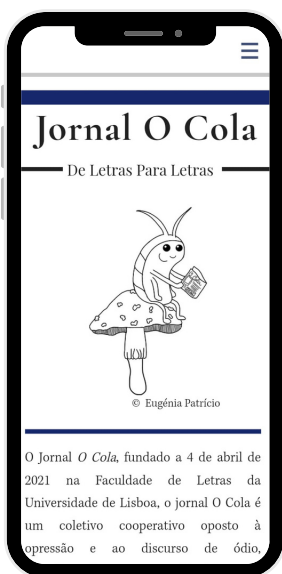
Referências:

1. Tavares, João M. 2023. «A cultura de cancelamento era tão gira, não era?» Público (Lisboa), 26 de outubro de 2023
<https://www.publico.pt/2023/10/26/opiniao/opiniao/cultura-cancelamento-tao-gira-nao-2068025>.

2. Idem.

SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no Instagram, X (anteriormente conhecido como Twitter) e Facebook.



ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e às nossas edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através do linktree no nosso *Instagram* ou em www.jornalocola.com

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele. Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição manda-nos um email para jornalocola@gmail.com



Associação de Estudantes | FLUL
@aeftul
www.facebook.com/aeftulisboa

**PARA SABERES MAIS SOBRE O JORNAL O COLA CONSULTA
AS NOSSAS REDES:**

 @JORNALOCOLA

 @JORNALOCOLA

 JORNAL O COLA

 JORNALOCOLA@GMAIL.COM

WWW.JORNALOCOLA.COM